

BLIZZARD ENTERTAINMENT

# Mikulov: Irmãos de Armas

---

Um prelúdio de Diablo III: A ordem

de

Scott Brick

*Dor, seja bem-vinda à minha casa. Sua estada não será longa, mas, enquanto aqui viver, será tratada como hóspede de honra. Aqui nesta casa, você terá paz, mas somente até eu terminar minha tarefa, quando você terá que partir. Até lá, eu a saúdo como a uma velha amiga.*

Com suor escorrendo no rosto, o jovem aprendiz recitava seu mantra e lutava contra a distração da dor que lhe rasgava os joelhos, repousados sobre a pedra dura. A dor lancinante tomava conta de seu mundo, intensificando-se e irradiando para o resto do corpo, mas ele lutava para afastá-la da mente. Queixar-se não levaria a nada. Pior, só iria dificultar sua tarefa. Ajoelhar-se por horas sobre o solo inclemente produzira uma dor tão intolerável que o monge quase não discernia mais qual era sua provação e perigava ser reprovado. Se a dor o atrapalhava e ele não era capaz de dar fim a ela, deveria alterar sua percepção. Aceitar a dor seria a única forma de vencê-la.

*Se os mestres pudessem ler meus pensamentos, lamentou o aprendiz, eu já teria sido reprovado.* Os monges de Ivgorod possuíam um domínio lendário de seus corpos e, em momentos de tensão, suas mentes transcendiam o reino físico e atingiam um estado superior. Eles diriam ao aprendiz para esvaziar a mente, não para alcançar a meta, mas para ouvir os deuses quando estes lhe falassem. Eles falam a todos os que os ouvem, usando o vento, a chuva, os rios, os animais e, no caso de Ytar, até mesmo o fogo como sua voz.

No entanto, a única voz que chegava aos ouvidos de Mikulov naquela câmara vasta e escura era uma pulsação ritmada com a dor em seus joelhos. Essas sensações

emparelhadas e as gotas de suor na fronte eram sinais de que seu corpo e sua mente estavam bem longe da harmonia perfeita. Mikulov tentou se acalmar mais uma vez.

*Dor, seja bem-vinda...*

De rosto contorcido, ele teve medo de não conseguir superar a dor. Como é possível dar as boas-vindas ao sofrimento? Fora tolice pensar que seria capaz de fazê-lo, assim como fora tolice entrar naquela câmara sabendo que não haveria volta...

No Monastério do Céu Suspenso, lar dos lendários monges de Ivgorod, localizado no continente oeste de Santuário, sobre as montanhas que delimitam a floresta de Gorgorra, as crianças cresciam em meio a uma solidão sem fim. Fossem quais fossem os motivos para estarem lá, todas sentiam uma saudade voraz de suas famílias. A saudade era seu elo e as ensinava a amar suas semelhanças. Apenas um desejo os unia: a esperança de um dia se tornarem monges da ordem. Aquelas que se mostravam inaptas para o estudo enfrentavam um duro choque quando eram instruídas a deixar o monastério, mas recebiam uma última chance: ou superar um desafio físico e, assim, conquistar o direito de regressar graças à exibição de novos talentos para o treino, ou ser banido do monastério para sempre.

Gachev, um garoto mais velho, atormentara Mikulov por anos, até que sua insubordinação e indiferença à disciplina do monastério inspirou os monges a testá-lo. Fazia um frio brutal no dia em que ele recebeu a ordem de enfrentar seu desafio, e as provisões de Gachev eram escassas. A expressão abjeta de medo no rosto do rapaz disse a Mikulov que não esperasse seu retorno. E ninguém na ordem nunca mais ouviu falar de Gachev. A princípio, sua expulsão trouxera júbilo a Mikulov, até perceber que ele próprio questionava a autoridade e também teria que enfrentar algum desafio.

Enquanto a silhueta de Gachev esvanecia através do grande portal do monastério rumo às distâncias ermas, Mikulov fitava o rosto ressequido do velho mestre Vedenin. O velho capote, as barbas longas e alvas e a cabeça lisa tornavam o monge praticamente idêntico aos seus irmãos. O que diferenciava Vedenin, em uma ordem conhecida pela tranquilidade, era sua aspereza. Sua veemência rondava as lembranças de Mikulov. *Você é tolo*, praguejava Vedenin. A voz do velho era monótona, mas ele conseguia incutir ácido em cada sílaba e desprezo no timbre. *Você é veloz, ágil e sagaz, porém é orgulhoso, impulsivo e fraco. Você se concentra demais no erro e na frustração e mostra-se surdo aos deuses. Seus atos trarão somente vergonha a você e ao monastério.* Mikulov ouviu essas palavras se repetirem naquele dia quando Vedenin lançou seu olhar de desdém sobre a partida de Gachev. O monge ansiava pelo dia em que o condenaria à mesma sina do colega. Por instinto ou presságio, Mikulov compreendeu que, quando a hora chegasse, seria Vedenin quem lhe incumbiria sua prova.

Naquele momento, Mikulov jurou que não fracassaria. Jovem como era, ele devotaria o resto de seus dias no monastério a se preparar para a provação que teria que enfrentar mais cedo ou mais tarde.

Os monges ensinavam que todas as pessoas eram armas vivas, mas que confiar em apenas um recurso o tempo todo era loucura. O verdadeiro poder do monge, diziam, vinha da autodisciplina e do espírito. A ordem exigia que seus acólitos dominassem as armas dos três reinos: as armas da mente; as armas do combate físico; e as armas do espírito, as mais potentes, que acalmam a alma e se alimentam do poder que os deuses compartilham com

seus servos mais fiéis. Ao atingirem este nível, os monges manuseiam as armas mundanas como uma extensão de seu espírito equilibrado. Mikulov jurou que assim o faria.

Desde que aprendiam a andar, as crianças da ordem cresciam na companhia das armas físicas. Mikulov gostava da adaga de punho, uma lâmina curta que se manuseia com uma mão só, de modo que a ponta saia diretamente do punho, passando entre os dedos. Sua ligação com a arma se desenvolveu depressa — num piscar de olhos —, embora ele tivesse hesitado a princípio, pois a arma lhe fora imposta por Vedenin, é claro. Antes, Mikulov queria usar um arco.

— O arco é excelente para longa distância, mas é completamente inútil de perto — disse o monge, com desprezo.

Mikulov discordava. O arco manteria os inimigos longe, negando-lhes a oportunidade de se aproximar.

Vedenin retrucou que opções melhores para longa distância tornavam o arco o favorito dos fracos.

Mikulov soltou um muxoxo de escárnio e o velho aproveitou a oportunidade para humilhá-lo diante de todos os rapazes e moças presentes. Ele ordenou a Mikulov que pegasse um arco e duas flechas, deu dez passos para longe do rapaz e ficou de braços cruzados, as mãos ocultas sob as voluminosas mangas do capote. — O que você usaria para me atacar desta distância?

Mikulov ergueu o arco.

— Ataque.

Mikulov, na frente dos colegas, notou uma ligeira mudança na voz de Vedenin, de quem troca meras palavras para quem faz um desafio. Começou a armar o arco sem tirar os

olhos do adversário. Um breve gesto sob a manga do velho e a haste da flecha arrebentou na mão de Mikulov.

Vedenin reduziu a distância entre eles para cinco passos. — E agora, o que você usaria para me atacar desta distância?

Mikulov ergueu titubeante a flecha que lhe restava.

— Arcos levam tempo para preparar — declarou Vedenin. — O espírito é instantâneo. — Seu gesto seguinte foi tão preciso e sutil que Mikulov não o viu. Arco e flecha explodiram nas mãos de Mikulov. Suas orelhas queimavam com a gargalhada dos outros pupilos.

O velho estava agora à distância de um braço. Condescendente, perguntou: — E desta distância?

Mikulov o fitava irado. — Com meus próprios punhos.

O movimento do punho de Vedenin foi mais rápido do que sua idade deveria permitir. A ponta infinitesimal e o fio de navalha da adaga de punho passou tão perto dos olhos de Mikulov que ele sentiu a lâmina cortar o ar.

— Tente — murmurou Vedenin, para que apenas Mikulov o ouvisse.

Embora humilhado, Mikulov era esperto o bastante para aprender a lição. Sua graça e equilíbrio descomuns logo o tornaram formidável no manuseio da arma, o barulho dos seus golpes preenchia o campo de treinamento. Logo se tornou um mestre da adaga.

A maestria da mente e do espírito, contudo, escapavam-lhe.

A verdadeira virtude estava além das encantações dos pergaminhos arcanos. Não, a antiga ordem acreditava que a força dos deuses se encontrava em todas as coisas, animadas

ou inertes, e que o poder fluía por toda a criação. Logo, os monges do Monastério do Céu Suspenso dedicavam a vida a aprender a sentir a força onde quer que ela estivesse e a manipulá-la segundo os propósitos dos Patriarcas, a voz dos deuses em Ivgorod.

Um dia, quando a adaga de punho não passava de um borrão para aqueles que observavam as investidas de Mikulov contra o poste de madeira que ele usava para treinar, o rapaz atingiu uma concentração tão plena que sua mente alcançou, por instinto, a ressonância cinética do poder dos deuses. Embora tivesse conseguido o feito por acaso e cerzido apenas uma fração da força existente, a arma golpeou o poste com mais que força física. Uma luz azul irrompeu da lâmina de Mikulov e uma onda de energia golpeou todos à sua volta. As ondas adentraram as paredes do monastério. Dois órfãos corriam estupefatos, gritando por seus velhos mestres, embora não fosse preciso. Os monges do Céu Suspenso passavam todos os dias absortos em contemplação do mundo ao seu redor, aguardando os sinais dos deuses. Uma manifestação tão clara do divino dificilmente lhes escaparia.

Mikulov, já proficiente no manuseio de armas físicas, tinha domínio suficiente sobre a mente e o espírito para realizar algo extraordinário. Ele estava certo de que sua prova não tardaria. Quando o rosto sério e impassível de Vedenin encarou o seu no campo de treinamento, Mikulov percebeu que aquilo que era provável havia se tornado certeza.

Nos dias que se seguiram, Mikulov empenhou-se em dominar a habilidade recém-descoberta, de modo que fosse capaz de evocar o poder quando bem quisesse.

A força vinha mais rápida e certa quando ele se concentrava apenas no efeito desejado. Seu contato inicial fora desajeitado e desesperadamente breve — se fosse uma

arma, ele a teria deixado escapar pelos dedos e cair no chão —, mas servira para ensiná-lo que era possível canalizar o poder, direcioná-lo e até mesmo elevá-lo.

Ele desenvolveu uma série de exercícios e pôs-se a praticá-los incansavelmente.

*Foque sua mente em liberar o poder através da lâmina. Concentre-se nisso. Seja determinado. Deixe que a ânsia por liberar essa energia flua da mente para cada fibra de seu corpo e espírito.*

Após alguns êxitos, conquanto limitados, ele aprendeu que o segredo não era apenas se concentrar.

*Você precisa se concentrar sem nunca se apressar, mover-se sem pressa, mas com determinação.*

Ele sempre procurava lembrar que o poder dos deuses era um dom e apressar sua generosidade era um ato vão e desrespeitoso.

*Os deuses lhe darão aquilo de que você precisa quando você solicitar. Seu dever é simples: perceber o instante escolhido pelos deuses.*

Os detalhes da elaboração das provas dos iniciados eram dos segredos mais bem guardados do monastério. Os reprovados eram expulsos imediatamente, e os poucos que triunfavam eram isolados para se dedicar aos estudos, às vezes durante décadas, inacessíveis aos intrigados colegas mais jovens.

Contudo, corriam boatos sobre as regras.

Além de uma arma de sua escolha — no caso de Mikulov, não haveria dúvida, seria a adaga de punho — os iniciados recebiam um mantra, inscrito num pergaminho por seus mestres. O iniciado podia escolher a natureza do mantra. Por mais que tentasse, Mikulov



não conseguia se decidir quanto ao seu. Todas as noites ele investigava, inspecionava e esmiuçava a questão em busca da resposta esquiva.

*O que é essencial para a minha sobrevivência?*

No fim, a escolha foi determinada não pela razão, mas pelo medo.

Quando se apresentou aos mestres do Monastério do Céu Suspenso reunidos, foram-lhe oferecidos vários pergaminhos. Como o sol ainda não tivesse se erguido, estavam à luz dos tocheiros. Alguns eram volumosos; outros, pouco maiores que um dedo mindinho; outros ricamente ornados e selados por insígnias intrincadas.

Naturalmente, foi Vedenin quem declarou a prova. — O propósito do seu desafio é provar que você é capaz de submeter sua mente, sua arma e seu espírito ao propósito dos deuses. Deixar o altar do seu ego para curvar-se ao altar dos deuses. — Embora possuísse traços amáveis, o sorriso do velho traía descrença no aprendiz.

Mikulov hesitou. Dentro do monastério, os monges o julgavam. Fora, rondavam a incerteza e o perigo. Seus temores abriram caminho para a escolha, óbvia àquela altura: o mantra da cura.

Junto com o pergaminho enrolado, entregaram-lhe um papel dobrado, selado com uma impressão do emblema do monastério em cera. As instruções eram claras: ele deveria se preparar durante uma semana de orações e meditação e, então, na alvorada do oitavo dia, romper o lacre de cera e ler o papel para receber novas instruções.

Ao amanhecer, Mikulov emergiu do santuário. Por instinto, ele rumou para o leste, adentrando as montanhas que cercam Ivgorod. Carregava consigo apenas o pergaminho, o papel dobrado e a adaga de punho embainhada na cintura. Não levava comida, pois deveria

passar a semana em jejum, nem água, pois aquele que não fosse capaz de saciar sua sede por conta própria jamais possuiria a sabedoria dos monges do Monastério do Céu Suspenso.

Se ele se mostrasse incapaz de encontrar água na primeira semana da prova, seria reprovado — e morreria — antes mesmo de ouvir a voz dos deuses e jamais conseguiria cumprir sua vontade.

A semana começou bastante tranquila. A água era a maior prioridade de Mikulov. Ele rumou para as colinas íngremes que passara anos contemplando da janela do dormitório, uma cordilheira que se encontrava com as Montanhas Kohl ao sul. Contava encontrar um córrego no sopé, certo de que a água sempre encontra seu caminho morro abaixo.

Ele ouvia os mestres lhe dizendo que os deuses falavam por meio do conhecimento, do instinto e da intuição e que esta era a linha de pensamento dos adeptos. Sua confiança foi recompensada: aos pés da cordilheira jazia um lago alimentado por um filete de água que escorria de rochas imensas. A água era escura, porém limpa. Para demonstrar sua gratidão, Mikulov bebeu profundamente para se refrescar após um longo dia de caminhada e se recuperar para a semana por vir. Ele estava feliz pela descoberta tão rápida, pois sabia que era uma das partes mais importantes da prova. No calor inclemente do verão, água era uma necessidade primordial.

Ele buscou abrigo perto da água, pois ficar próximo da fonte de munificência dos deuses lhe pareceu um bom jeito de demonstrar sua gratidão.

Ele sabia que, nas montanhas, a noite caía rápido, e logo encontrou uma porção de terra um pouco menos dura, sob uma pedra suspensa. A isto também reconheceu como um dom, ao qual agradeceu antes de se deitar.

Ao acordar, estabeleceu a rotina que seguiria nos seis dias seguintes. Ele ia ao lago se lavar da trilha que empreendera no dia anterior. Era o mês mais quente do ano, a época em que até as noites são insuportavelmente quentes. Ele suava mesmo em repouso, mas desejava se apresentar aos deuses sempre imaculado. Ao menor sinal de luz, adentrava as águas do lago e submergia. Segurava o fôlego o máximo que conseguia, pedindo aos deuses que fosse digno de sua generosidade. Banhava-se e renovava suas preces todas as manhãs.

Ele esperava os dias passarem num silêncio contemplativo. Sentia-se profundamente calmo e em paz consigo mesmo, e não encontrou obstáculos a superar, nem predadores a vencer. Ante o silêncio do tempo, não pronunciou uma palavra sequer.

Então Gachev foi visitá-lo, trazendo o fim da tranquilidade da semana. Gachev era, como sempre havia sido, muito barulhento.

No quarto dia, quando o sol estava no zênite e fazia um calor brutal, o outro órfão veio lhe falar. Mikulov não se afastava muito de seu abrigo, pois a pedra suspensa lhe provia várias horas de sombra mesmo quando o sol estava a pino e havia uma fonte abundante de água bem próxima. Ele sabia que, quanto mais se expusesse ao sol, mais exausto ficaria. Emergia da sombra somente quando necessário e ia para o lago restaurar a água que havia perdido com o calor do dia e da noite. Apesar das precauções, logo começou a sentir os efeitos da lenta desidratação.

Fora no primeiro momento de apreensão, quase de dúvida, que a voz provocadora se dirigiu a Mikulov.

— O que o faz pensar que você triunfará onde eu fracassei?

Mikulov abriu os olhos e fitou o dia iluminado. Pouco além de seu acampamento, esparramado sob o sol quente, jazia Gachev, trajando a mesma roupa que usou no dia em que deixou o monastério. Não mudara nada. Como, depois de tantos meses nas montanhas, a túnica de Gachev não se encontrava aos frangalhos e ele não estava sujo? E, no entanto, ele se reclinava lânguido, como que relaxando naquele calor calcinante, e observava Mikulov despreocupado. — No primeiro dia, eu também me senti horrível. Tinha certeza de que nunca mais desfrutaria de nem um instante de gozo sequer. Mas ver outros tolos tentando sobreviver a essas semanas infernais na natureza selvagem me ensinou a rir outra vez. — E, erguendo uma sobrancelha com ar desencorajador, estudou Mikulov. — E com gosto — acrescentou.

Mikulov ficou tão surpreso que quase rompeu seu silêncio.

Ele não havia feito votos de silêncio, mas acreditava que apenas no silêncio os deuses se deixariam ouvir. Então, apesar da zombaria, Mikulov se conteve. Através do suor que queimava seus olhos, ele encarou Gachev, o rapaz que deveria estar morto.

Era mesmo ele ou um fantasma? A julgar pela aparência idêntica e a aparição silenciosa, Mikulov cogitou que Gachev talvez fosse apenas um capricho da sua imaginação, uma miragem conjurada pelo calor e pelo isolamento.

Quando Gachev voltou a falar, sua voz havia perdido o tom provocador, e suas palavras tocaram num medo tão secreto que Mikulov ficou em choque. — Ninguém jamais triunfou. Nenhum iniciado jamais passou no teste, nem passará.

Dias de fome rapidamente viraram dias de insegurança, e tudo se tornou um tormento depois do comentário mordaz de Gachev. As insinuações que Gachev fez repetidas vezes alimentaram um desejo crescente de romper o selo e empreender o teste antes do tempo, ou até mesmo de rasgar o papel fechado em um milhão de pedaços. Mikulov começou a se aventurar cada vez mais longe do abrigo e do lago, mas Gachev o acompanhava sempre, rindo do esforço do garoto para manter sua vigília. Um riso seco.

Ao longo dos dias, a zombaria e os questionamentos fizeram germinar teorias bastante plausíveis. Os mestres do Monastério do Céu Suspenso nunca promoviam os iniciados mais jovens e rebeldes. Os acólitos nunca se tornavam monges. Os mestres eram, afinal, extremamente seletivos ao escolher os novos monges. Quando os acólitos mais submissos completavam os estudos, serviam como escravos até começarem a se tornar um problema e, então, eram enviados em empreitadas mortais para serem substituídos por uma nova geração de devotos ingênuos. Era assim que o Monastério do Céu Suspenso havia sobrevivido ao longo dos séculos?

Mikulov percebeu, então, que estava sendo ludibriado pelos seus temores, que o faziam ver complôs e ardis onde não havia. Para refutar a dúvida, ele tentou se lembrar de algum órfão que tivesse regressado vitorioso do teste, mas não conseguiu. Diziam que os aprovados eram separados dos antigos colegas, de modo a eliminar qualquer coisa que pudesse distraí-los de seus elevados estudos, os quais seriam sua recompensa por muitos anos.

As insinuações de Gachev faziam sentido.

— Você é tolo, Mikulov. Você é orgulhoso e impulsivo e fraco. Nada do que fizer aqui o tornará um monge. Tudo o que farão é levar você à cova anônima que dividirá com seus irmãos.

As palavras agourentas lembraram-lhe as incontáveis vezes que Vedenin renunciou que seus feitos trariam desgraça sobre si e sobre os outros aprendizes. Assim como fizera então, Mikulov escolheu não acreditar, concentrando-se mais uma vez na aparência impecável de Gachev e no eco das palavras de seu mestre mais impassível. Juntas, as admonições davam nome ao medo que Mikulov alimentava: não a morte, mas a vergonha. O rapaz que se tornaria um monge concluiu que Gachev não passava de um fruto da sua imaginação, um companheiro ilusório para lembrá-lo da sua solidão durante a semana preparatória nas montanhas.

*As provocações dele são a voz do meu próprio medo.*

E então, no último dia, sempre que Gachev abria a boca, Mikulov endurecia seu coração contra as suas palavras. Gachev zombava de seu empenho, mas Mikulov dizia a si mesmo que aquele garoto não passava de uma quimera, fruto do suor, da dor e da dúvida persistente. No sétimo dia de sua provação, ele estava certo de que Gachev não era real.

Mas aí o garoto salvou sua vida.

Quanto mais Mikulov ansiava pela chegada da manhã seguinte, quando romperia o laço de cera e receberia instruções, mais desejava cerzir o seu destino o mais rápido possível. Saudava o dia do cume da montanha, no primeiro lugar tocado pela alvorada. Embora a subida fosse íngreme e pedregosa, o desafio valia a pena, mesmo que só reduzisse a sua agonia em alguns minutos.

Ele decidiu levar a empreitada a cabo. O sol já havia passado do zênite, mas o calor persistia e piorava cada vez mais. Ainda assim, ele deu início à escalada, de modo a chegar no pico antes do escurecer e passar a última noite de orações e meditação mais perto dos deuses. Não se preocupou muito com a água, pois a rota que havia traçado o manteria próximo do regato que desembocava no lago do acampamento.

Gachev não deixou passar a oportunidade de dizer que ele não estava preparado.

A princípio, Mikulov estava confiante de que a água continuaria acessível ao longo da subida, mas, inevitavelmente, o calor e o esforço fizeram sua língua inchar de sede. Ele ficou tentado a voltar, mas, quando olhou para trás e viu que estava mais perto do cume do que do acampamento, decidiu continuar.

— Todo esse esforço é ridículo.

Mikulov, ofegante, ignorava a companhia indesejada.

— Você corre para os braços da morte.

Todas as pedras pareciam querer torcer seu calcanhar, as fissuras, prender e machucar seu pés.

— Você só dá aos deuses motivo para rir.

Mikulov se sentia tão fraco e exausto por causa do sol que temia sucumbir aos perigos da escalada. Se quebrasse um osso, seria forçado a usar o mantra da cura cedo demais e não teria mais recursos caso surgisse um momento de necessidade.

— Os mil e um deuses são fracos.

Ao ouvir aquele insulto imperdoável, Mikulov sentiu um impulso de liberar sua fúria, mas se lembrou das litâneas de admoções de Vedenin: *Os deuses estão em todas as coisas, materiais e espirituais*. Se assim fosse, então também deviam estar na fúria de

Mikulov, que lhe renovava as energias para gritar com Gachev. A energia deveria ser canalizada e aproveitada, e não desperdiçada com uma aparição. *Não engula a raiva, não a desperdice. Sinta-a. Use-a.*

Com uma nova fonte de energia, Mikulov subiu o resto do caminho.

Ele atingiu o cume ao cair da noite, um promontório que acabava num penhasco. Estava tão exausto que não queria nem procurar um lugar para descansar para não perder tempo. Os olhos semicerrados, ardendo, ele arrastou-se o para longe do abismo, embora não tivesse medo de cair, e desabou no chão de pedra.

Ele acordou no escuro e no frio. Não havia se mexido, pois suas juntas estavam duras. Tentou abrir os olhos várias vezes e, quando finalmente conseguiu, viu Gachev sentado numa pedra, meneando a cabeça, num silêncio precioso. Quando o primeiro raio de sol pintou de azul o horizonte, ele tentou se levantar, mas não conseguiu. A noite de sono não fizera muita diferença. Estava exaurido. Mikulov jazia sob o céu e meditava sobre as circunstâncias. O horizonte seria ornado em breve pelo sol, mas ele não sentia nada, estava separado de seu corpo. Estranhamente, não sentiu nem a costumeira vontade matinal de se aliviar. Isso era um mau sinal. Seu corpo precisava de água para sobreviver nas montanhas. Ele não se preparara bem o bastante para condições tão extremas. Seus pensamentos ecoavam a maldição de Vedenin: *Você fracassará antes mesmo de começar.* Ao que Mikulov, em silêncio, acrescentou sua própria imprecação.

— É — concordou Gachev, dando voz aos pensamentos de Mikulov. — Você é um tolo.



Mais uma vez, ele sentiu raiva. *Ele quer que eu fracasse*, pensou, mas conseguiu redirecionar sua fúria. Apesar das dores que sentia, Mikulov usou sua ira para se levantar. Ao ficar de pé, os primeiros raios da manhã tocaram sua frente.

Ele esperou a tontura passar, olhou para baixo e viu o papel dobrado na mão. Ele ficara no bolso da sua túnica por sete dias e Mikulov não se lembrava de tê-lo pegado. Seus dedos tremiam enquanto ele lutava para encaixá-los sob o selo. Sentiu vergonha do esforço que precisou fazer para romper aquele montículo de cera. Fechou os olhos por um instante e, depois, desdobrou o papel para ler o conteúdo.

*Dentro.*

Mikulov estava cansado demais para se irritar. O papel só continha uma palavra? O que significava essa besteira? "Dentro" não era uma instrução, era um engano. Seus mestres haviam se enganado, talvez tivessem entregado suas instruções a outro garoto a serviço do monastério. Naquele instante, um dos órfãos, esperando encontrar as diretrizes de suas tarefas diárias, deparava-se com as instruções meticulosas da provação de Mikulov na floresta. O absurdo da ideia chegava a ser cômico e ameaçava fazer com que ele sucumbisse ou enlouquecesse ali na montanha. Mikulov suprimiu um riso nervoso. Seu riso só traria satisfação a Gachev.

Ele não ousaria afrontar os deuses. Aquela mensagem não poderia ser um engano. Esmiuçou as circunstâncias para tentar compreender o sentido daquela palavra. Algo devia ter passado despercebido.

*Dentro.*

No instante em que a pergunta *Dentro de quê?* se formou em sua mente, seus olhos deram com a boca de uma caverna. Ela se abria numa rocha cerca de 50 passos abaixo, no

lado oposto àquele por onde chegara. Projetando-se da face da montanha, encimada por um arco forjado com primor, a não mais de um braço de distância, a boca da caverna o chamava.

*Dentro.*

Como seus mestres sabiam que ele escalaria a montanha? Eles não haviam dado instruções quanto à direção que deveria tomar. Ele se guiara apenas pelos seus instintos.

As palavras que Vedenin dissera quando Mikulov era menino voltaram-lhe à mente: *Aquilo que você toma por instinto é a voz divina dos deuses.* Será que os deuses guiaram sua viagem sem que ele percebesse? Se sim, provavelmente os mestres também haviam sido guiados ao escrever aquela mensagem de uma só palavra, ignorando o que ela significaria para o aprendiz quando o instante certo chegasse.

O portal não ofereceu resposta nenhuma. A luz da manhã descia a encosta, aquecendo as rochas. Naquele dia, ia fazer um calor infernal, ainda mais forte do que nos outros. Quer fosse o lugar escolhido pelos deuses para a sua prova, quer puro acaso, a caverna ao menos o protegeria do calor.

Com exaustão e vontade guerreando no interior dos músculos fatigados, Mikulov desceu a encosta aos tropeções. A gravidade o guiava mais do que as próprias pernas. Ignorando completamente o que jazia na escuridão da caverna, Mikulov se deixou engolir, atirando-se às cegas lá *dentro*.

Ele mal se perguntou por que Gachev tinha ficado lá fora.

À medida que descia, tinha a impressão de que aqueles salões não podiam ser reais; eram inconcebíveis. Que haviam sido cavados, ou melhor, esculpidos com esmero nas

entranhas de pedra da montanha, já era difícil de acreditar, mas o fato de que ainda conseguia enxergar alguma coisa naquela profundidade era ainda mais difícil. A princípio, enquanto descia com dificuldade a escada, presumiu que houvesse um resquício da luz do dia, mas, uns cem passos abaixo, percebeu que isso não era possível. Nem mesmo a poderosa luz do pico da montanha era forte o suficiente para penetrar tão fundo na rocha, tampouco havia fendas ou fissuras capazes de produzir aquela iluminação estranha. Finalmente, um salão amplo e nivelado surgiu diante de seus olhos e ele compreendeu que o que via era ainda mais inconcebível que todas as hipóteses anteriores: a luz fosforescente vinha de dentro das paredes.

*O que é isso?*, indagou-se Mikulov. Ele estudou a rocha das paredes à sua volta. A luz fluía por elas como sangue. A iluminação se deslocava num ritmo constante, as pulsações seguindo as batidas do seu coração.

*Onde é que eu fui me meter?*

Mikulov se perguntou se aquilo que presenciara até então condizia com o que sabia a respeito do comportamento dos deuses. *Sei que os deuses falam conosco através de sinais da natureza e da indústria dos homens. Ademais, os deuses estão em todas as coisas.* E a luz daquelas paredes praticamente gritava que aquilo era obra dos deuses. Logo, a escada e o salão, claramente produzido pelos homens, deviam ser uma manifestação da vontade dos divinos. Não vendo nada que indicasse o contrário, Mikulov parou para refletir a respeito da mensagem dos deuses.

Era difícil se concentrar. A sede invadia seus pensamentos, e, embora estivesse em repouso, suas pernas tremiam de cansaço. As privações que enfrentara por sete dias e sete

noites haviam cobrado um preço alto de seu corpo, portanto também de sua mente. Por mais que se esforçasse para suprimir o desconforto, não conseguia se concentrar.

Ele pensou novamente em Gachev e se perguntou por que o garoto não o havia acompanhado caverna adentro. Quanto mais se esforçava para desvendar a mensagem dos deuses, mais Gachev ocupava seus pensamentos. O garoto se regozijara com a decepção de Mikulov durante dias. Por que, então, deixaria escapar a chance de saborear a confusão e o fracasso iminente do colega?

Mikulov olhou para a faísca diminuta de luz no topo da escadaria que acabara de descer. Esticando o pescoço para enxergar além das protuberâncias de pedra, Mikulov viu seu tormento. Seu veterano, solene, fitava-o em silêncio. Nenhuma traço de ironia ou provocação. Uma simples e muda vigília. Gachev parecia guardar a escadaria de qualquer criatura que pudesse perseguir o mais novo e causar a sua ruína.

Ou será que estava lá para barrar o acesso de Mikulov ao ar livre e à luz do dia?

Ao ver Gachev tão longe e perceber o quanto havia descido nas trevas da montanha, Mikulov sentiu medo. Ele acenou para Gachev. Apontando para as sombras do salão adiante, pediu que o mais velho o acompanhasse.

Gachev permaneceu onde estava. Apenas balançou a cabeça. — Esta é a sua prova. — Suas palavras recaíram como uma chuva cortante e fria sobre Mikulov. — Daqui não passo.

Mikulov engoliu em seco e virou-se para encarar o salão. Ele se concentrou novamente na luz que corria nas paredes. A pulsação chegou-lhe suavemente aos olhos e aos ouvidos. Observando-a, percebeu que ela indicava um lugar no fim do corredor, em meio às sombras. Não era o sinal que ele gostaria de ter visto, mas era um sinal bem claro:

devia seguir em frente. Mikulov forçou suas pernas a se moverem, um passo de cada vez, na direção apontada pela corrente de luz, rumo às sombras.

Ele imaginou um labirinto à sua espera ou uma horrenda necrópole que se ergueria para devorá-lo, mas tudo que viu diante de si foi a entrada de uma câmara vazia, pavimentada com blocos de pedra. Embora ficasse nas profundezas da montanha e não possuísse nenhuma outra porta, uma luz nacarada iluminava a câmara com uma vasta gama de tons avermelhados. A câmara apresentava a mais bela variação de um só tom que Mikulov já vira. Vermelhos que ele nem sonhava existirem, realçados pelas manchas verdes do líquen que crescia entre as pedras. A cor banhava a luz, as paredes pulsavam com o vermelho ardente.

*Essa é a minha prova? Não há nada aqui.*

Quando Mikulov ergueu o pé para adentrar a câmara, a voz de Gachev ressoou: —  
Você tem certeza de que quer entrar tão despreocupado numa sala sem saída?

Mikulov ficou tentado a olhar para trás, mas sabia que Gachev não estava lá. A voz estava na sua cabeça, a voz do seu medo.

Ele sopesou o medo contra tudo aquilo em que acreditava. Confiara até então que os deuses estavam lhe enviando sinais e não mudaria de curso agora. Mikulov deu um passo firme sobre o chão de pedra e adentrou a câmara.

Não caíram grades às suas costas, a câmara não foi inundada e as paredes não vieram esmagá-lo. Em vez disso, a energia coriscante pulsava num ritmo regular. A direção do pulso cessou no momento em que ele entrou na sala. Estava exatamente onde os deuses queriam.

Mas o que ele tinha a fazer ali?

Ele esperou. Mesmo com as paredes marcando o tempo, perdeu completamente a noção de quanto tempo ficou ali, pois, naquelas circunstâncias enlouquecedoras, um segundo e uma hora pareciam a mesma coisa. Seguiu seus instintos, que tomara pelo desígnio dos deuses, mas, no fim, chegara, exausto, a um beco sem saída. O sangue em suas têmporas queimava à medida que seu coração acelerava. Sua raiva lhe trouxe de volta a noção de tempo. Estava ali fazia uma eternidade. A frustração lhe disse para deixar aquela câmara imediatamente.

Mas algo o detinha. Em sua mente, viu o rosto de Vedenin, o riso de desdém que saudaria sua chegada aos portões do monastério, trajando o manto da derrota. Ele não suportaria tamanha vergonha, mesmo que tivesse que esperar por toda a eternidade. Os deuses falariam, mas no tempo deles, e não no de um mero noviço.

A luz assumiu um tom sombrio. *Curve-se à vontade dos deuses, é o que elas pareciam dizer. Fique quieto e aguarde.*

Paciência nunca fora o forte de Mikulov. Ele se ajoelhou e assumiu uma postura de submissão. Quando a dor ficou forte demais para seu corpo exausto, ele sussurrou um mantra para acalmar seu espírito e separá-lo da dor. *Dor, seja bem-vinda à minha casa. Sua estada não será longa, mas, enquanto aqui viver, será tratada como hóspede de honra.*

Mikulov permaneceu assim pelo que pareceu um século. Era uma batalha perdida. A dor pulsante ocupava toda sua mente e o mantinha enraizado neste plano, e não no dos deuses. O suor escorria nos olhos e pingava nos joelhos nus sobre a pedra. A dor e o suor o distraíam, intrometendo-se no ritmo acalentador da luz. A pulsação firme substituíra as provocações de Gachev. Mikulov era assaltado por uma monotonia implacável: a luz pulsante, o lustre das pedras, a umidade que emanava dos vãos, o líquen indo e vindo...

*Indo e vindo?*

Mikulov tentou recapitular tudo o que havia visto nos últimos instantes. Sim, ele percebia uma ligeira alteração na monotonia opressora daquela câmara. Tentou com muita força identificar essa variação.

Aquelas manchas verdes de vida frágil e tenaz estavam se movendo quando ele se ajoelhara? Se sim, como? Não havia a menor corrente de ar na câmara.

Mikulov as encarou e teve certeza. *Não, elas estavam paradas quando entrei.* Ele logo percebeu o que fazia o líquen se mover.

Um vapor espesso emanava dos tijolos diante dos seus olhos. Plainando no ar, era frágil o bastante para se desfazer com um sopro, mas possuía um aspecto denso e ameaçador. Mikulov viu o vapor vibrar e ondular no mesmo ritmo da pulsação da luz.

Incrivelmente, a coisa parecia estar tomando forma a partir da luz nacarada. Então um pus nefasto começou a pingar do vapor.

Havia um novo arranjo de cores na câmara: amarelo, verde e azul, todas em tons mazelentos. As cores, e as coisas que lhes davam formam, aglomeravam-se e amalgamavam-se. O aspecto doentio ficando cada vez mais forte, Mikulov se esforçou para encontrar um conceito que definisse a aparição pustulenta: era um abscesso. O núcleo da massa ondulante desafiava sua percepção, pois parecia completamente vazio. Era uma *ferida*, um corte estreito e profundo, suspenso no ar. Ela desafiava tanto os seus sentidos quanto as suas expectativas, pois a forma não lembrava em nada um ser humano, tampouco era uma gosma informe ou uma aparição esfumaçada. Em vez disso, era uma chaga descarnada, suspensa no ar. Mas não havia corpo, não havia carne para receber a ferida. Era como se o próprio ar tivesse sido ferozmente talhado por alguma arma

desconhecida. Ele tentou imaginar alguma lâmina que pudesse produzir tal laceração e, instintivamente, levou a mão à sua adaga de punho.

Mikulov ficou paralisado, a mão pousada sobre a empunhadura da arma, enquanto a lesão pulsava, como que esperando algo. Exausto como estava, ele se sentiu subjugado por ela, ameaçado pela sua presença. Uma afronta à realidade que ele conhecia, a ferida pairava viva, um ser místico enviado para dilacerar sua sanidade de forma tão violenta quanto a lâmina havia dilacerado o ar.

A aparição se moveu e Mikulov recuou. Fascinado e repelido na mesma medida, ele não percebeu que estava sendo manipulado e demorou a reagir. Quando se deu conta, empunhou a adaga na mão direita e alvejou a lesão. Ao desferir o golpe, a atitude da chaga flutuante mudou. Ela respondia aos movimentos do rapaz, avançando e recuando numa dança macabra com a lâmina. Suas fintas e recuos, Mikulov percebera tarde demais, o colocaram numa posição de larga desvantagem. A lesão agora bloqueava a porta, a única saída da câmara.

Mikulov olhou à sua volta, certificando-se de que não havia mais chagas emergindo das paredes. O cansaço em suas pernas, costas e ombros era intenso demais para ser ignorado. Sua força e vigor eram finitos e logo se esgotariam. Os monges do Monastério do Céu Suspenso não se rendem a impasses. Os mestres ensinam aos adeptos a buscar soluções para os problemas da vida, e não a ficar atolado neles. Tinha que vencer o teste o mais rápido possível, enquanto ainda lhe restavam forças. *Que se dane a postura ameaçadora da lesão*, pensou, disparando abruptamente para a saída da câmara.

A aparição o impediu. Não satisfeita em bloquear o caminho, ela se lançou contra ele num ataque violento. Ela o atingiu com todo o seu ser. O toque da lesão era úmido e



queimava. O noviço se enfureceu por ter sido pego de guarda baixa. Ele tentou se esquivar no último segundo, mas recebeu o golpe na face e sentiu um líquido grosso escorrer pelo pescoço. Seu coração ficou apertado com a ideia de que poderia ter sido contaminado. Pegou a túnica que pendia de seu ombro e limpou o líquido rançoso, mas o ardor permaneceu. Caído, ele sentia a doença por toda parte. Ela se espalhava por sua pele, escorria de seus cabelos longos e ensecados. Ainda no chão, ergueu a adaga para repelir qualquer ataque subsequente e, ao fazê-lo, sentiu-se tolo. Por que não avançar com a arma em punho?

Ele corrigiria o erro agora. Pôs-se de pé com muito custo e lançou-se contra a aparição horrenda. Porém, a criatura contra-atacou tão depressa que, embora Mikulov estivesse preparado, ele só conseguiu usar a arma do jeito mais óbvio: desferiu um corte, mas sem liberar energia. Subjugado pelo medo, não conseguiu se concentrar e canalizar seu espírito, e nunca antes ele precisara tão urgentemente daquele poder.

Mikulov se recompunha, atento à possibilidade de outra investida, enquanto analisava o efeito de sua lâmina. Mesmo seu golpe fraco fora suficiente. A forma espectral esmorecia. O corte no ar estava maior do que antes, e a ferida sangrava de sua fonte invisível, maculando o chão de pedra. Mikulov a fitava horrorizado, pois ela sangrava e sofria e crescia diante de seus olhos. Com o sangue pulsando nas têmporas, sentindo ainda a adrenalina do último ataque, ele sabia que esta seria a sua oportunidade, enquanto a criatura se recompunha. Tinha que atacá-la agora, naquele instante! Então desferiu outro golpe e, desta vez, concentrou-se para evocar a energia necessária.

Aquela prova era importantíssima, uma evidência de suas habilidades e seu engenho. Em algum ponto, o encontro seria fundamental para demonstrar aos mestres que era digno de avançar nos estudos e, pelos mil e um deuses, ele triunfaria.

Mas, para sua vergonha, ele não obteve êxito imediatamente. Embora o controle do poder tivesse se tornado algo instintivo nos campos de treinamento do Monastério do Céu Suspenso, ele não estava mais no treinamento. *Concentre-se*, pensou, repreendendo-se. *Concentre-se na liberação da energia*. Enumerou mentalmente os passos, de forma rápida mas desesperada. *Foque sua mente nisso. Seja determinado. Deixe que a ansiedade libere essa energia de cada centímetro do seu corpo*. Mas a situação era tão urgente que ele esqueceu que o processo e seus movimentos não deviam ser apressados, mas executados com total determinação. Seu ataque foi ordinário e impotente.

Quer dizer, até o último instante. Por fim, a chaga reuniu forças para atacar novamente, e o medo de Mikulov canalizou a energia. Ela veio no instante em que a criatura armou a riposta. O pânico em não ser capaz de rechaçá-la despertou a energia em sua lâmina, e um breve pulso de poder se lançou em todas as direções. Estupefato, Mikulov perdeu o controle e foi lançado para trás pela força do seu golpe.

Seu crânio bateu com força no chão, ele rolou e, instintivamente, tentou se levantar, mas não conseguiu e ficou por algum tempo inclinado, a cabeça suspensa, com fortes tonturas. O que tinha acontecido com toda a sua destreza? Sua habilidade magistral não passava de imaginação? Ou a intensidade e o risco daquele teste estariam além de suas capacidades? Embora não conseguisse ver a gravidade do ferimento, bastou vislumbrar seu oponente para constatar que não havia sido uma colisão unilateral.

A visão fora imediata e pavorosa, deixando Mikulov completamente estupefato: a ferida estava ainda maior e mais pestilenta do que antes.

A lesão agigantava-se. Ela estava inflamada e cheia de pus, cada centímetro dela ardia, a imagem viva da violência. As fibras da carne lacerada não estavam limpas, como se tivessem sido cortadas por uma lâmina, mas estraçalhadas, como se tivesse sido rasgada à mão. A ferida latejava intensamente e, agora, emitia um ofegar sôfrego. A sensação de que havia algo errado ficava cada vez mais pronunciada, e, pela primeira vez, Mikulov teve dificuldade de respirar, como se cada sopro infectasse seus pulmões. E, o pior de tudo, as entranhas estraçalhadas da lesão derramavam ácido por toda a parte. Mikulov escorregou numa poça e o seu toque ardeu como fogo.

Mikulov se concentrou, mas, em vez de localizar sua determinação, abraçou a fonte de sua fúria e descobriu que havia um lago incandescente dentro de si. No entanto, depois de escalar a montanha com Gachev, aprendera que até mesmo a raiva era uma dádiva dos deuses. Tomando o controle da sua mente, ele dominou e canalizou sua fúria.

A explosão da lâmina foi pura, e o golpe, certo. Um jorro luminoso de chamas se lançou, mais potente do que nunca. Nocauteando ambos os combatentes, o poder que saltou da lâmina era a personificação da ira. A onda de poder rebateu nas paredes da câmara e atingiu Mikulov e a chaga dos dois lados ao mesmo tempo. O rapaz que sonhara se tornar monge se perdeu na conflagração e, quando deu por si, estava deitado, abrindo os olhos em meio ao cansaço e o espanto.

A respiração vinha entrecortada, mas ele se sentia grato por estar vivo. Sem dúvida, o golpe fora o bastante e a criatura havia sido aniquilada. Tentou virar a cabeça para olhar, mas não conseguiu. Sem forças, Mikulov sentiu a fisgada do desespero ao se deparar com a

lesão flutuante. A criatura era vil. Ela estava maior e mais forte do que nunca. Como era possível? Os deuses estavam brincando com ele? Ele fitou novamente as entranhas ensanguentadas e viu que, quando tocavam as pedras, elas queimavam e esguichavam pus. Até mesmo a força de suas excreções havia aumentado. Era como se estivesse alimentando um incêndio em vez de apagá-lo.

Não lhe restava mais nada. Estava tão exaurido que, quando a criatura jorrou seu pus nefasto sobre ele, as chamas abrasadoras da agonia não conseguiram lhe arrancar energia nem para se contorcer. Enxergou sua sina com absoluta clareza: uma morte lenta marcada por doença e sofrimento.

— Você é tolo — disse uma voz. — Você é orgulhoso, impulsivo e fraco. — Mikulov sabia de quem se tratava. *Gachev, venha assistir ao meu fim.* Apenas uma pequena fração da sua mente tinha forças o bastante para se perguntar: *Por que ele não cruzou o portal da caverna?* Ele presumiu que ela era apenas uma lembrança, a voz de seus próprios medos num momento de vulnerabilidade, e ignorou-a. Mas Gachev não queria parar.

— Você envergonhará seus irmãos. Não só os que deixou no monastério, mas todos aqueles que passaram este teste antes de você. — As palavras queimavam em seus ouvidos, pois sabia que estavam corretas. Em seu orgulho, Mikulov ousou imaginar que obteria êxito onde tantos haviam fracassado, mas ele não era diferente. — Você não ouve os deuses, porque se concentra na sua dor insignificante. — Sim, era verdade, a agonia de Mikulov abafava a voz dos deuses, ele nunca chegara a ouvi-los. Até mesmo a escolha do mantra que trouxera... se tivesse dedicado mais tempo a ir atrás do conselho dos deuses, teria escolhido melhor. Teria baseado sua escolha na ofensiva, uma carnificina arcana que aniquilaria a chaga completamente. — Se seguir os seus impulsos, e não os deuses, você jamais me

salvará. — Percebeu, então, como tinha sido tolo. Como a cura poderia salvá-lo agora? Ela só faria prolongar sua agonia, revivendo-o para desferir outro ataque e tornar a criatura ainda maior...

Então Mikulov prestou atenção nas palavras de Gachev e hesitou. *Você jamais me salvará. O que ele queria dizer com salvar?*

— Se seguir seus impulsos, você vai morrer também.

*Meus impulsos.* Mikulov olhou para baixo. O pergaminho da cura estava no bolso da sua túnica esfarrapada e, ao pegá-lo, viu que a escritura estava queimada e manchada, praticamente destruída pela conflagração e pelos poderes antes mesmo de ser usada.

Seus olhos se ergueram para contemplar a abominação infernal que flutuava sobre ele. A chaga horrenda que rasgava o ar daquela câmara sombria, a ferida que crescia e crescia e crescia...

E, naquele instante, Mikulov entendeu.

Ele *não* iria seguir seus próprios impulsos.

Com os dedos chamuscados tremendo, abriu o pergaminho e leu a inscrição: "Jaz vay pozdravju." As palavras eram obscuras, estranhas à sua língua. "Prelusjem váz dobrey." Com uma das mãos, fez gestos que havia aprendido com os mestres, embora a fraqueza e falta de concentração tornassem a execução imperfeita. "Vimenju te teysoč in enje bogev obnovium vasz." Eis a única coisa que Mikulov executou perfeitamente: as palavras e gestos almejavam com precisão a lesão flutuante, e não a si mesmo.

Estendido no chão, suas forças lhe fugindo, a ideia parecia fazer sentido. A própria natureza da criatura pedia esse ato. É possível se livrar de uma ferida atacando-a? Não, isso só aumentaria a ferida. Só é possível se livrar de uma ferida *curando-a*.

Ele agira irracionalmente e correria um grande risco. Recapitulando, Mikulov percebeu que a criatura não iniciou sequer um ataque. Ela apenas reagia aos seus. Mikulov sentiu-se tolo por chegar a conclusões apressadas e temer os intentos misteriosos da criatura macabra. Além de fechar a saída da câmara, ela não fizera nenhum movimento ofensivo.

É claro, pois uma ferida jamais é agressiva. Quem a causou é.

Quando seus lábios formaram as palavras finais e o pergaminho virou pó nas suas mãos, Mikulov ergueu os olhos e viu que a abertura da ferida havia sido costurada; a supuração havia diminuído; a gigantesca criatura estava muito, muito menor, mas continuava potente, lívida e, o mais importante, continuava postada à saída da câmara. Aceitando a evidência do que via, o coração de Mikulov apertou, pois o poder do mantra chegava ao fim. Sua mente buscava desesperadamente as estranhas palavras que já lhe fugiam da memória.

O mantra não seria o bastante, e ele não possuía nenhum outro. Lançou um grito mudo de súplica aos deuses: *Por favor, ajudem-me em minha necessidade!*

O desespero fez com que uma porta se abrisse em sua mente. Ele ouviu uma voz o admoestar: *Foque sua mente*. Percebeu que era a sua própria voz nos dias que passou no campo de treinamento. *Concentre-se*. De fato, ele precisava se concentrar, ou jamais sairia daquela câmara vivo se não conseguisse derrotar aquela aberração. Não, não derrotá-la, mas *curá-la*. *Deixe sua ânsia por liberar a energia fluir da mente para cada fibra de seu corpo e espírito*.

Mikulov afastou todos os pensamentos díspares da cabeça e concentrou-se totalmente em curar aquela praga. Executou todos os gestos em que conseguiu pensar, por

mínimos que fossem. Ergueu as mãos para a criatura. Moveu os lábios num falar incompreensível, murmurando palavras de reconforto e segurança, e quando viu que a criatura se aproximava, estendeu os braços para acolhê-la, sentindo a energia fluir de si para ela. Finalmente, após minutos intermináveis de excruciante concentração, seus olhos se fecharam e seus braços caíram ao chão, o corpo subjugado pela exaustão.

Ela jazia semiconsciente, fraco demais para se mover. Enfim, o sono o embalou, depositando um beijo de veludo sobre a sua fronte.

Ele não sabia por quanto tempo dormira, nem como teve forças para reabrir os olhos e soerguer a cabeça, mas assim o fez e constatou que estava sozinho. Não havia nada voando pela sala, tampouco o ameaçando. Após uma longa espera, enfim aceitou o que sua intuição lhe dizia. A chaga desaparecera. A ferida estava curada, ela se fora.

Soerguendo-se sobre um cotovelo, contemplou uma segunda câmara que não havia visto antes. Era menor, praticamente do tamanho dos aposentos de um monge no monastério. Aparentemente, fora a cura da ferida que abrira a porta. Lá dentro, Mikulov encontrou uma refeição: um jarro de água para saciar a sede e carne salgada para nutrir o corpo. Por mais que estivesse fraco, não sentiu prazer ao se alimentar. Em vez disso, comeu e bebeu lentamente, monotonamente, meditando sobre tudo o que aprendera. Examinou a câmara secreta e imaginou que mecanismo a ocultava. Estava claro que era o poder, talvez preparado pelos mestres, um mecanismo concebido para a eternidade. Mikulov sentia suas habilidades recém-adquiridas. O teste de hoje abrira uma porta em sua mente e ele agora sentia a força dos deuses fluir pelas coisas do mundo, ainda que minimamente. Enquanto mastigava a carne dura e lavava a garganta com água num ato mecânico, olhou ao seu redor

e descobriu que estava cercado por muito mais poder do que imaginara inicialmente. Muito mais.

Ao engolir, perscrutou a sala de fora a fora.

Intuitivamente, Mikulov compreendeu que a evocação de um ser místico como a chaga requeria muito controle e maestria. Sua aparição precisava coincidir com a chegada dos noviços, e seu desaparecimento — que dependia de uma cura —, assinalar a abertura da câmara secreta para revigorar os vencedores.

Ou levar embora o cadáver dos derrotados.

Mikulov agora não só sentia o poder, como reconhecia seu propósito: ocultação. Os mestres haviam escondido algo mais ali. De coração acelerado, Mikulov começou a se perguntar o que poderia ser, mas antes acalmou seus pensamentos e emoções, recordando-se de como os monges do Monastério do Céu Flutuante canalizavam a força dos deuses: por meio de um espírito em equilíbrio.

Sem pressa, Mikulov respirava fundo. Quando alcançou a paz interior, ele projetou seu espírito para tocar o poder e, com um gesto, ordenou: *Desapareça*.

Então, abriu-se uma nova câmara, revelando os cadáveres de outros noviços.

Eram muitos, todos nus, horrendos e decadentes, mas com um ar melancólico, abandonados à morte. Tendo em vista que poucos eram os noviços que empreendiam o desafio, os cadáveres daquela câmara — alguns eram esqueletos cobertos de pó, outros, cadáveres ressequidos em diferentes estágio de decomposição — deviam representar todos os jovens rebeldes que um dia sonharam ser monges. Ele passou os olhos por cada um deles, até que finalmente encontrou um que lhe chamou a atenção, pois era mais recente e maior que os outros.



*Gachev sempre foi o mais alto de nós.*

Olhando nos olhos do antigo rival, Mikulov recobrou a voz do garoto em sua mente. *Se seguir os seus impulsos, e não o dos deuses, você jamais me salvará.* Naquela hora, Mikulov ficara confuso com o uso da palavra *salvar*, mas agora entendia perfeitamente.

*Na verdade, percebeu Mikulov, foi o alerta de Gachev que me salvou.*

Assim como os corpos amontoados na câmara oculta, será que os espíritos de todas aquelas crianças estavam aprisionados? Era isso que Gachev queria dizer com *salvar*? Caso fosse, agora seriam libertos. Depois que as provisões restauraram a vitalidade de seu corpo e de sua mente, Mikulov retornou à superfície para procurar um local adequado. Ele não se surpreendeu por não encontrar Gachev à sua espera, mas sentiu-se sozinho.

Ele jamais seria capaz de reunir madeira suficiente para uma pira funerária, não para tantos cadáveres, mas esperava que bastasse saírem da câmara oculta e presenciarem o calor do sol pela última vez antes de partirem para o descanso eterno.

Demorou muito tempo até que ele conseguisse carregar todos. Precisou fazer muitas viagens, e já estava tarde da noite quando terminou. Carregou Gachev por último e o depositou sobre todos os outros. Aquela noite, descansou, pois não tinha pressa. Finalmente, quando a manhã chegou, depois dos cadáveres receberem o beijo do sol pela última vez, Mikulov os cobriu de pedras, criando um monumento enorme para os mortos do monastério. Não proferiu palavra nenhuma. Não se sentia capaz. Em vez disso, virou-se e tomou o caminho de casa, cambaleante, despedindo-se dos outros noviços, seus irmãos e irmãs perdidos.

Um dia e meio após sua vitória, Mikulov fez seu retorno lento e triunfante ao Monastério do Céu Suspenso. O sol havia muito passara do zênite e já mergulhava no horizonte, mas ainda iluminava o portal pelo qual ele partira. Ali, encontrou Vedenin, encurvado e ressequido, trocando inquieto o pé de apoio. Mikulov teve a impressão de que ele ficara de vigília por muitas horas, embora o rosto franzido do velho monge denotasse bastante força.

— Já faz mais de um dia que o teste foi concluído — disse ele, fazendo com que Mikulov entendesse muitas coisas. Como suspeitava, o desaparecimento da lesão assinalava o fim do teste, o que não só acionava a abertura do portal secreto, mas também alertava os mestres. Eles ficaram esperando esse tempo todo.

— O resto dos meus irmãos se cansou. Só resta eu — disse Vedenin. *Óbvio, pensou Mikulov. Como ele iria perder a oportunidade de criticar o meu desempenho contra a lesão? Ele deve estar enfurecido com o meu retorno triunfante.*

Mikulov aproximou-se lenta e silenciosamente. — Tive muito o que fazer, irmão — respondeu, e, embora sua voz estivesse rouca pelos nove dias em desuso, sentiu uma satisfação tremenda em usar o novo honorífico. O velho não mais era o *Mestre Vedenin*, mas seu irmão, pois Mikulov conquistara o direito de se tornar monge do Monastério do Céu Suspenso. No entanto, sabia que sua educação estava apenas começando e que os mestres passavam décadas instruindo novos monges, então teve o cuidado de não falar de modo orgulhoso ou presunçoso. Pelo contrário, dirigiu-se a Vedenin com todo o respeito.

E a medida certa de raiva para impedir o monge mais velho de responder.

— Encontrei muito mais do que comida e água na câmara secreta — prosseguiu, e viu os olhos do monge se arregalarem um pouco.

— O bastante para lhe tomar um dia e uma noite? — perguntou o velho. Ao contrário da raiva que exibira um pouco antes, sua indignação não era tão justificável.

Mikulov fitou profundamente os olhos do homem, sem hesitar sequer uma vez. Finalmente, aquiesceu e disse: — Certamente, pois não há muita madeira nas montanhas, e eu tinha muitos irmãos a enterrar.

A lembrança estava fresca na memória, e, pelo olhar surpreso de Vedenin, a imagem devia estar sulcada na sua própria face.

Vedenin e os outros mestres talvez tivessem acreditado no sucesso de Mikulov, talvez não, mas claramente não queriam que ele descobrisse os mortos ali escondidos.

Mikulov afastou-se de Vedenin. Não de modo apressado ou brusco, mas fez com que o monge saísse do seu breve torpor: — Você está atrasado, seus estudos o esperam — grunhiu o homem atrás dele. — Dirija-se ao liceu imediatamente.

Mikulov balançou a cabeça, cansado, como se todo o seu esforço, de repente, pesasse sobre seus ombros. — Ainda não, Vedenin. Primeiro, vou comer, depois, vou me banhar.

Os olhos do monge se apertaram em fúria, e foi com muito esforço que ele manteve o costumeiro semblante de autoridade. — Dirija-se a mim como... — Hesitou. — Irmão Vedenin.

Mikulov permitiu-se sorrir de leve. *Ah, como deve irritá-lo não pode dizer mestre. Como ele deve odiar o fato de que somos irmãos agora.* Um novo pensamento lhe veio à mente, e seu sorriso desvaneceu. *Eu fui um dos primeiros a se tornar monge tão jovem.* Foi tomado pela gratidão.

— Estudarei com afinco, Irmão — prosseguiu, com humildade e respeito genuínos. — Mas carrego o odor da morte e não insultarei os deuses me aproximando deles neste

estado nefasto. Primeiro, comerei, depois me banharei e só então estudarei. — Ele não morderia a isca e não aceitaria mais condescendência. Enquanto o velho resmungava, Mikulov se afastou, dizendo-lhe por sobre os ombros: — Boa noite, Irmão.

No caminho de volta ao Monastério do Céu Suspenso, Mikulov pensou bastante na solidão que perpassara sua vida e percebeu que, com sua vitória no teste, ele finalmente ganhara a família que buscava fazia tantos anos. Mas não correria como ele planejava. Embora fosse tratar os outros monges por "irmãos" e "irmãs" de agora em diante, a verdadeira família de Mikulov estava em outro lugar. Seus familiares mais próximos ficaram para trás, no cume da montanha, e não dentro do monastério.